

A DIVISÃO DAS ESTAÇÕES: UM OLHAR SOBRE O MITO

Por Felipe Salles Xavier

Os mitos são histórias sobre deuses, seres humanos e animais místicos, que retratam a potencialidade, defeitos e aspectos vivenciais de nossa existência. A palavra “mito” vem do grego “mythus” e significa fábula ou palavra. Esses eram contados tradicionalmente de forma oral e também passados de geração a geração.

Durante séculos nós utilizamos os mitos de forma consciente para explicar os mistérios da vida e do mundo, desde a criação do mundo, mudança das estações do ano, conflitos nos relacionamentos e até mesmo o enigma da morte. Os mitos de forma geral nos alcançam em muitas dimensões como pinturas, esculturas, histórias, poemas, contos-de-fada, folclore e até mesmo em nossos pensamentos e comportamentos.

Voltando no tempo temos Platão, que transmitia conceitos filosóficos complexos através dos mitos, Jesus também utilizava a linguagem simbólica, as parábolas para explicar de forma fácil os problemas mais difíceis, ainda temos na antiga medicina hindu, a utilização deles como forma de tratamento a dificuldade mental e emocional, o curandeiro prescrevia histórias aos pacientes para que meditassem, com isso eles encontrariam as próprias soluções para os conflitos, isso porque eles compreendiam de certa forma o poder da linguagem simbólica para a humanidade.

Nós nos esquecemos há muito tempo que temos uma dimensão simbólica, uma dimensão que compartilha de diversos símbolos. Essa profunda dimensão foi chamada de Inconsciente Coletivo, nele encontramos as mais diversas experiências humanas, tomamos consciência de comportamentos arquetípicos e transpessoais. Resumindo os mitos tem uma capacidade de nos permitir enxergar além, de nós fazer perceber aquilo que é a verdadeira questão de diversos problemas.

A história que será contada nesse artigo é um mito grego sobre as estações do ano. Tudo começa com Deméter que vivia com sua adorável filha não nomeada, ela

sempre esteve afastada das disputas, conflitos e problemas terrenos, preferia viver numa plena harmonia com sua filha.

Certo dia a filha de Deméter estava passeando num belo campo e colhia alguns narcisos (belas flores de inúmeras formas e cores) tranqüilamente, quando de repente o chão se abriu e então surge das profundezas da terra, Hades, em uma carruagem majestosamente sombria, puxada por cavalos negros. Ele a segura fortemente e a arrasta para as profundezas da terra. Pela força ele a torna sua esposa, a estupra, a torna mulher.

Demeter ao procurar sua amada filha, fica abalada, pois não a encontra, procurou em toda a terra e não conseguiu achar nada, nenhuma pista do que ocorrera com sua filha. A Mãe de luto fica amargurada e abandonada pela vida.

Depois de muito tempo, desiludida quase perdendo as esperanças em sua busca, encontra uma criança que lhe conta que Hades a havia seqüestrado. Demeter enfurecida com Hades e desgostosa com a própria terra, que para ela a teria traído por dar passagem ao deus infernal, ordena que tudo pare de produzir, que tudo seque! Que tudo morra! Ela estava totalmente desconsolada, pois, não aceitava a brusca mudança em sua vida.

Obedecendo a deusa, a terra secou, logo, os deuses passaram a não receber suas oferendas e começaram a reclamar com Zeus não tendo o que fazer pede a Hermes que ele vá ao reino dos mortos e avise a Hades que devolva sua filha.

Hades pensa em fazer um acordo com Deméter, ele sobe a terra e a invoca para conversarem. Demeter rapidamente aparece e durante a conversa a deusa não aceita as idéias dele. Mas ironicamente o senhor mortos, conta que a inocente filha da deusa, já havia comido uma romã (a fruta dos mortos) de bom grado, isto porque a moça já estava apaixonada por ele.

Então Demeter sem ver solução, totalmente contra sua vontade faz um acordo, pois, sabia ela que as leis de Hades são irrevogáveis, e nem mesmo Zeus poderia as

infringir. Decidiram então, que a partir deste momento, a adorável filha teria de ocupar dois lugares na estória, o de filha adorada e o de rainha dos infernos.

A filha agora já nomeada reapareceu com o nome de Perséfone, voltara para a mãe, não como a filha antes perdida, mas, como mulher, como a conhecedora das profundezas sombrias da terra, sacerdotisa dos segredos dos mortos, como rainha de seus próprios domínios. Ela passaria a ficaria seis meses com sua Mãe e seis meses com o seu amado.

Nasce neste momento a divisão das estações do ano. Nos seis meses em que Perséfone está com sua mãe, se faz na terra primavera – verão, é o tempo de felicidade pra terra, as flores nascem à paisagem se enfeita, e quando está com seu marido, se faz outono – inverno, a terra fica triste, gelada e sem emoção.

O mito acima foi à justificativa simbólica daquela época para entendermos o funcionamento do mundo, explicando o que faz com que o tempo mude e o que trás as estações do ano. Antigamente os povos criavam os mitos para representar e entender o real e nós herdamos isso. Graças às contribuições de Carl Gustav Jung, foi descoberto que os mitos habitam em toda nossa vida, através do Inconsciente Coletivo, aonde temos informações universais. Os mitos são as imagens primordiais, ou seja, são manifestações dos arquétipos, que por excelência são os potenciais, modelos de comportamentos que facilitam a vida.

Ao olharmos mais fundo, ou seja, olharmos de forma simbólica, Demeter representa uma das experiências maternas, ela é a imagem arquetípica da mãe nutridora / devoradora. Enquanto mãe-nutridora ela é a mãe que vive pelos filhos, a que ama, a que protege, que da proteção ao filho, a que ensina para a vida. Enquanto mãe-devoradora é a que sufoca e não da liberdade ao filho. Superprotetora devora a criança, não a divide com ninguém, instintiva, agressiva é a típica mãe que vive achando defeitos nos amigos, namorados e em todo o meio social em que o filho vive, ou seja, sufoca a própria cria.

Ela encarna a maternidade em todos os aspectos não só a biológica, mas também sagrada e interior, também representa a descoberta do corpo como algo precioso

que gera vida. Entretanto, Demeter não é apenas símbolo da maternidade, é também símbolo da vivência da perda. Ela compreende que para se começar a viver é necessário morrer simbolicamente, é preciso passar por todos os males que necessitamos, sempre que perdemos alguém querido entramos em contato com Deméter, a deusa-mãe.

Perséfone já encarna a experiência da pureza corrompida, é a “criança” forçada a entrar no mundo feminino adulto, a “criança” que é retirada do seu lugar no mundo e é colocada em um lugar desconhecido. E também representa a experiência das tórridas paixões vividas. É a experiência do mistério, do desconhecido, é graciosa e fascinante, ela é à parte de nossa alma que transita entre o inconsciente e o ego.

No mito também vemos Hades, o senhor das trevas, é a imagem mitológica que controla o mundo dos mortos, seu mundo é um local de extensa riqueza, sobre a luz da psicologia junguiana vemos o deus como um representante do termino do ciclo da vida, mais amplamente é também o termino de um comportamento, a mudança geral em nossas atitudes é a possibilidade de um novo ciclo na vida. Com isso podemos dizer que esse personagem não é rim, ele pode representar o casamento, o nascimento, a morte de questões antigas de nossa vida. Um exemplo é a despedida de solteiro, aonde, comemoramos a entrada num mundo de responsabilidades com o outro, e ao mesmo tempo lamentamos a perda de um antigo estado civil. Outro exemplo pode ser o caso da depressão pós-parto, pois, temos ali a tristeza pela perda da antiga vida e a entrada em uma nova. Esses são acontecimentos inconscientes. Resumindo Hades preside todos os finais e começos em nossa vida.

E também temos presentes no mito Zeus e Hermes. Zeus é a experiência da paternidade, do pai-provedor, o que toma as decisões. E Hermes que é signo da comunicação e das viagens, ele é quem faz muitas vezes a passagem de nossos conteúdos entre os opostos, inconsciente *versus* consciente.

Esses personagens encarnam imagens arquetípicas, ou seja, representações de padrões inconscientes do comportamento, que tem um objetivo em comum, facilitar a vivencia humana na terra.

***Felipe Salles Xavier**, Integrante do projeto Papeando Com a Psicologia. Oficineiro do Projeto Escola Aberta ministrando cursos de Psicologia Junguiana e Corporal, Danças e Artes. Acadêmico do Hospital Santa Casa de Misericórdia atuando em orientação, acolhimento, plantão psicológico e psicoterapia junguiana e positiva. Desenvolve pesquisas em “Mito e o Corpo” e “Psicologia da Arte Marcial: Tae Kwon Do e Imaginário Arquetípico”. É estudante de Psicologia do Instituto de Ensino Superior e Formação Avançada de Vitória (FAVI).

Email: felipesalles2005@uol.com.br

Site: www.psiqueobjetiva.wordpress.com